

PAINÉIS DA CIDADE DE TERESINA NO INÍCIO DO SÉCULO XX NO ROMANCE *UM MANICACA* DE ABDIAS NEVES

Áurea da Paz Pinheiro *

Este texto foi sendo construído a partir da tentativa da compreensão de como ocorriam as relações socioculturais no cotidiano da cidade de Teresina, nas duas primeiras décadas do século XX; os novos hábitos, as novas idéias, a aceitação e a rejeição do “atraso histórico” por que passava a sociedade teresinense, na concepção de Abdias Neves. Buscamos reconstruir os pontos de comparação entre as descrições feitas da cidade de Teresina por Abdias Neves e as considerações feitas por historiadores piauienses.

Abdias Neves¹, anticlerical, maçom, literato e político piauiense, escreveu, na virada do século XIX para o século XX, o romance de costumes e tipos piauienses *Um Manicaca*. Nessa obra, o autor desenhou o cenário da cidade de Teresina, construiu a trama a partir de sujeitos sociais e de espectadores da história da urbe. Dialogou com a cidade e as suas múltiplas facetas. Seu olhar esteve carregado de desejos e desesperos, estranhamento e perplexidade, onde invenção e realidade se mesclaram na utopia de construção de uma cidade moderna, liberta do tradicional; quebrando paradigmas e preconceitos; vencendo a mesmice e a monotonia. No texto de Abdias Neves, a cidade de Teresina serve de cenário à trama tecida pelo anticlericalismo do autor. O sacerdote é visto como

[...] um sujeito que prega a caridade e não a pratica; prega o esquecimento dos ódios, e insulta e calúnia e persegue os que não se prestam a tudo; prega a pobreza e a humildade, e enriquece a impa num orgulho desbragado; faz voto de castidade e vive em estado de mancebia!²

O enredo do romance é simples. O autor constrói a trama a partir do triângulo amoroso de que fazem parte D. Júlia, bonita, elegante e dominadora, seu marido Araújo, homem já maduro, sócio na loja de Pedro Gomes, pai de Júlia e Luís Borges, guarda-livros e conquistador nas horas vagas. Uma vez contrariada em suas pretensões de casar com Luís, Júlia é obrigada pelo pai a casar com Araújo, que passa a sofrer pelo descaso com que é tratado pela mulher e ainda tem que aceitar o adultério de Júlia com Luís.

O literato retratou uma pintura da vida cotidiana da cidade, com a presença de vários segmentos sociais. Abordou assuntos instigantes para a época. Quis chocar a elite clerical, condenar a sociedade tradicional, que considerava medíocre, num momento em que atacar era um dever. Considerou a sociedade teresinense mesquinha, estúpida, convencionalmente patética, grotesca, supersticiosa. Acreditou que sua missão era a de fotografar de forma caricatural o mundo aristocrático/clerical, sentimental, devoto, católico, explorador, em contraposição ao mundo moderno e democrático de seus sonhos. Denunciou esse estado de coisas que o angustiava: políticos corruptos, padres lúbricos e ridículos.

Recém-chegado a Teresina com o diploma de bacharel na mão tinha a cabeça povoada de imagens do Recife e de ideais que acreditava mudariam o mundo. Sonhava com os melhoramentos materiais, com uma sociedade na qual a interferência de beatas e padres na vida cotidiana das pessoas seria coisa do passado. Preocupou-se menos com o enredo e mais com o ambiente. Quis mostrar ao leitor o ar que se respirava nas ruas, o tom dos salões, o cheiro dos becos e valorizar o pormenor do dia-a-dia. Desenhou tipos piauienses comuns, sempre com um furor ao descreve-los, buscou na sua escrita a inspiração da crueza real de Emile Zola e de Eça de Queiroz.

Abdias Neves inspirou-se no romance *O crime do padre Amaro*. Trabalho de matriz realista-naturalista do escritor português Eça de Queiroz, que foi publicado pela primeira vez nos fascículos do periódico português *Revista Ocidental*, em 1875, que, segundo o literato português, era apenas um rascunho para uma edição provisória. No ano

seguinte, o romance já era publicado como uma obra completa, mas somente em 1880 o texto apareceu em sua versão definitiva. Nele, o escritor português defendeu o rompimento radical com o Romantismo e propôs a incorporação artística do método de observação científica da realidade, próprio das ciências experimentais de sua época. Sua perspectiva foi de uma literatura participante, com o compromisso de intervir na realidade, contribuir para o desenvolvimento social. Fez todo um inquérito sobre os problemas da sociedade de sua época. Seu objetivo foi criticar e corrigir, fazer uma reforma social, conscientizar o leitor dos problemas sociais. Adepto do Realismo-Naturalismo, que pretendia uma representação da realidade neutra, objetiva, científica, onde as situações eram determinadas e condicionadas pelo meio social. Fez uma crítica ao misticismo, à educação religiosa. O padre foi apresentado como uma figura gorda, onde o ventre saliente enchia-lhe a batina. Fez sátiras grosseiras, o padre de cabeça grisalha lembrava as velhas anedotas de frades lascivos e glutões, todo um conjunto de adjetivos contextualmente agressivos em um texto irônico e sarcástico, no qual a tirania católica foi enfatizada ao extremo, foram críticas fortes aos padres e às beatas, foram atributos negativos aos religiosos, em um ambiente provinciano, marcado pela lubricidade de seus religiosos.³

O anticlericalismo é um tema sempre recorrente nas argumentações do literato piauiense, que sonhava com uma sociedade livre das amarras da Igreja Católica e dos clérigos.

[...] no convento, um frade se aproveitava cinicamente das alucinações da freira para se fazer passar como o Salvador e satisfazer instintos libidinosos que o regime do claustro irritava. O cúmulo da blasfêmia [...] Por que a religião exige de um homem que ele seja casto? Disfarça-lhe o sexo com uma batina; acaba de destruir a sua virilidade impondo que seja casto. Que pode haver de mais absurdo?⁴

Abdias Neves desenhou o cotidiano da cidade de Teresina, satirizou, dentre outros aspectos, a excessiva religiosidade das mulheres e, por outro lado, destacou o papel social do doutor, bacharel em Direito, intelectual recém-chegado dos grandes centros do país, como formador de opinião, crítico de uma sociedade que considerava retrógrada e conservadora, vez que propunha uma sociedade inspirada nos ideais de secularização e de modernidade.

Retratou uma sociedade que valorizava a autoridade, a inteligência, a riqueza em que o sonho dos pais de família era casar suas filhas “com um formado, um homem que soubesse onde tinha as ventas”, pais que não aceitavam comerciantes, mas “um bacharel inteligente, um rapaz de mérito”, “talentoso, elegante”. Satirizou a manutenção de um código moral no qual os homens comuns eram oprimidos, pisoteados, ultrajados. Descreveu uma realidade que lhe parecia inevitável, irremovível. Enxergou o “homem-forte” do Piauí como honesto, bom, correto, porém incapaz de provocar mudanças. Homem resignado. Reforçou a idéia de atraso das relações de poder, reafirmando o discurso tradicionalmente construído de continuidade, identificando os Estados do norte do país com o tradicional, com o velho.

Através do personagem Luís Borges, descreveu o papel que a sociedade atribuía ao trabalho manual e o valor que dava ao diploma de bacharel.

[...] Aqui, a mania dos que ficam é o comércio e as letras: todo mundo quer vender, ninguém quer produzir; todo mundo quer ser doutor, todo mundo tem um filho-águia que deve ser aproveitado. Dentro de dez anos, seu Araújo, não sei aonde iremos parar. Ou teremos de ver bacharéis tocando forjas de ferreiro, batendo sola, desbastando madeira, vendendo lenha, ou, então, é preciso que uma outra raça venha tomar conta das oficinas desertas. Chegaremos ao ideal de uma geração, inteira, de médicos, dentistas, farmacêuticos, parteiros, sem termos quem nos faça um par de sapatos, quem nos prepare as ceroulas. É o exército do proletariado das letras que toma posições a espera do momento de atirar-se aos cofres públicos.⁵

Abdias Neves preocupou-se com os personagens e com os acontecimentos históricos reais, sempre com o desejo de obter um “efeito de realidade”. Tentou recompor o espírito de uma época e as suas convenções socioculturais.

Buscou fazer uma descrição exata e integral do mundo social, em que as leis científicas serviriam para explicar o mundo físico e os comportamentos humanos, em que as limitações dos indivíduos estavam condicionadas por fatores ambientais. Nesse sentido, é forte a influência que o modelo naturalista-realista exerce sobre o romance do literato.

Para Peter Burke⁶, hoje, é tênue a fronteira entre história e ficção e entre romances históricos e histórias narrativas, o que não acontecia no final do século XIX e início do século XX.

Apesar desse trânsito de um lado para outro, a fronteira entre história e ficção foi relativamente nítida durante esse período. Romances históricos e histórias narrativas eram opostos complementares, com uma divisão clara de trabalho entre os autores. Historiadores profissionais, na era de Ranke e seus discípulos, se restringiram a narrativas de grandes eventos e aos feitos de grandes homens. Por sua vez, os romances históricos clássicos não interferiram em interpretações correntes da história, e menos ainda em grandes eventos; ao contrário, aceitaram-nos como verdadeiros. Romancistas tinham licença para inventar personagens menores ilustrando os efeitos de grandes mudanças históricas num nível local ou pessoal.⁷

O autor de *Um manicaca* valeu-se da narrativa romanesca para contar uma história que considerou verdadeira. Narrou os acontecimentos que viveu, que observou. Interessou-se pelas pessoas comuns e não por grandes personagens. Lançou mão da subjetividade e da imaginação, mas não quis fugir do conhecimento do homem, da realidade social. Criticou o dogmatismo religioso e propôs a emancipação do sujeito. Buscou a apreensão do real nas pistas, nos traços, nos sinais deixados pelos eventos, que só podem ser compreendidos no interior da trama que tece.

O literato buscou reproduzir o cotidiano de forma contextualizada, da maneira mais verossímil possível, compreendendo o romance em sua fase realista, como o testemunho de sua própria época. Abdias Neves usou a literatura como um artefato na construção de representações, imagens e identidades da vida cotidiana da cidade. Seus personagens agiram a partir de situações por ele criadas, construiu heróis e vítimas das condições sociais da época. Exigiu uma tomada de posição do leitor a partir de uma denúncia, diante de uma indignação moral, traçando com cores vivas, com contornos múltiplos, eventos e situações presentes na vida cotidiana: adultério, prostituição, seca, fome, miséria, analfabetismo, resignação, poder das elites locais, drama da sobrevivência do desposuído retirante, anticlericalismo, clericalismo, educação laica e educação religiosa.

Tentamos perceber como Abdias Neves foi impulsionado pela necessidade de entender seu mundo e de o transformar. Que idéias nortearam a sua compreensão do mundo? Quais as suas idéias de transformação?

Abdias Neves fez apologia à sociedade secularizada, ao liberalismo, ao anticlericalismo, entendendo-os como elementos fundamentais para transformar a sua cidade, a sua região.

Ao descrever o dia-a-dia da cidade de Teresina, o romancista destaca os sinos das igrejas, o acendedor de lampiões com sua escadinha ao ombro que, diariamente, realizava seu trabalho, numa época em que a iluminação pública⁸ se limitava a Praça da Constituição⁹. Abdias mostra a Igreja Matriz do Amparo e suas festas de grande concorrência de homens, mulheres, velhos e crianças, momentos em que a cidade mostrava elegância e boa aparência, “apurava-se na toilette”, “enfeitava-se”. A elite esbanjava a moda dos grandes centros do país, influenciada pela moda e costumes europeus. Usava-se “[...] sedas, veludo, perfumaria, ceroula de linho, relógio [...]”.¹⁰ O templo católico sempre cheio e, ao término do culto religioso, os passeios no adro da Igreja, descontração e sociabilidades, encontros e namoros, passeios de braços dados entre as amigas, conversas inflamadas sobre política e sobre a vida alheia. Concomitante a toda essa movimentação, as lojas permaneciam abertas até as nove horas da noite, não obstante a lentidão do comércio, “[...] lojas abertas e caixeiros derreados nos balcões, sem fazer nada, à espera do toque libertador das nove horas [...]”.¹¹

As atividades profanas - o teatro, o baile, os passeios, também, davam colorido à vida em Teresina. Abdias Neves descreve a agitação nos botequins com a presença da fina flor do *demi-monde*, escandalizando “os pretensos burgueses da terra”.

Aí, por entre copos de cereja e baforadas de charuto, pregava-se a moral sem peias, altercava-se sobre política, erguiam-se brindes ao governo e passavam-se descomposturas chues na gente da oposição. Até muito tarde ouvia-se o estrondo das rolhas saltando para o desespero de um vizinho que contava cuidadosamente. É a cidade inteira, a cidade feminina, revoltava-se contra o escândalo, muitas vezes impotente para evitar que os maridos se fossem embriagar nos delírios do fruto proibido.¹²

Abdias Neves satirizou, com seus personagens, a sociedade teresinense. As moças estavam sempre em busca de pretendentes, aflitas e rancorosas em relação aos homens. As futuras beatas alimentavam o luxo e a superstição da Igreja Católica. Ao descrever a personagem Candoca, “*solteirona rabugenta*” e beata, o literato mostrou-se um anticlerical de combate, fazendo duras críticas à superstição das mulheres e à intolerância dos clérigos:

[...] Voltava-se, como todas as solteironas, para o céu, num impulso de crenças doentias, que a faziam perder metade do tempo na igreja, num culto que era mais do padre que dos santos. Todas as tardes a rezar pelos vãos escuros das sacristias. Três vezes por semana, tribunal de penitência. Nada escondia do seu confessor, que queria saber tudo: a despesa da casa, as trampolinices do velho, os namoros das irmãs. Contava-lhes tudo. E, receosa, sempre, de não ser digna da absolvição, eram presentes, doces, frutas, toalhas rendadas, roquetes de cambraia para o reverendo. Mais. Remetia-lhe esmola, encomendava missas, trabalhava até noite alta para ter o dinheiro de que precisava para as despesas com a sua salvação. E era pouco. Fizera-se de uma intolerância feroz. Os maçons eram o diabo. O jornal da maçonaria, se o apanhava, queimava.¹³

Notamos a preocupação de Abdias Neves, autor/narrador, de descrever o cotidiano da cidade a partir de lugares comuns de sociabilidade, espaços de vontade associativa, sejam eles públicos ou privados, mas também a partir da psicologia de suas personagens.

Há uma ênfase na descrição dos lugares profanos da cidade, sobretudo, os botequins, lugar em que toda a cerveja da cidade era vendida, onde se fumava, discutia-se alto e gesticulava-se. Todas essas ações não escaparam ao olhar do literato, que foi um observador atento dos hábitos da cidade religiosa e profana.

Nas calçadas das casas de família formavam-se rodas para comentar fatos políticos considerados importantes ou, simplesmente, para inquirir sobre a vida alheia, ou ainda festejar a vitória do partido governista, que, no romance, ganhava sempre, mantendo o poder das oligarquias locais. E o povo? Este apenas festejava, como mostra ironicamente o literato:

Em pé, nas calçadas e portas, mulheres falavam alto, cumprimentando-se, explicando: - Foi o governo quem ganhou.
- Ganhou?
- O governo é sempre quem ganha.
Havia, com efeito, chegado telegrama do Rio anunciando que o governo reconhecera legítimos os representantes mandados pelo partido situacionista.
[...]
Foi neste estado de espírito que o povo recebeu a vitória desejada. Era uma solução. Festejou-a. O povo festeja, sempre, as soluções finais.¹⁴

A prática discursiva de Abdias Neves, romancista, é no sentido de destacar a figura do bacharel, homem inteligente, privilegiado, que poderia, com brilho e lucidez, dar novos rumos ao Estado. O intelectual seria um crítico da

tradicional política oligárquica rural, cidadão que, com sua inteligência venceria velhas práticas políticas, cristalizadoras das grandes estruturas políticas e sociais.

Dois anos após a publicação de *Um manicaca*, em 1911, os articulistas d'*O Apóstolo*, continuavam a tecer severas críticas tanto ao romance quanto à Abdias Neves. Na verdade, vários eram os anticlericais que combatiam os clérigos locais, mas os redatores do jornal católico centravam suas críticas em Abdias Neves, que no ano anterior, 1910, havia publicado o ensaio *Psicologia do Cristianismo*.

O literato era visto como um indivíduo simplório, pateta, “*chefe dos morcegos*”¹⁵, vazio de idéias e cheio de presunção, adjetivos esses atribuídos por seus opositores com o propósito de afastar as famílias católicas de suas idéias, consideradas descabidas, vexatórias e plagiárias.

[...] E o Sr. Abdias? É o mais pernicioso, porque tem desenvolvido toda a sua atividade na propaganda da corrupção. Qualquer romancista pode narrar alguma cena pouco séria, mas procura sempre de forma velada. O Abdias, não; encheu o ‘Manicaca’ de tão imundas descrições, de um sensualismo tão podre, que o próprio Rabelais se envergonharia de lê-lo. Seu romance é um ataque à honra da família piauiense [...].¹⁶

Para a Igreja Católica, os fiéis não deveriam ter contato com os denominados maus livros, pois eram escritos por revoltosos, irreligiosos. Logo, necessário vigiar e denunciá-los, bem como aos maus jornais, formadores da imprensa impura, leia-se a imprensa anticlerical, maçônica.

Foram múltiplos os olhares que Abdias Neves lançou sobre a cidade. Além da descrição das festas profanas e religiosas, dos espaços de lazer, de diversão, fez da sua voz um grito de denúncia, na medida em que retratou uma cidade com visitantes indesejáveis – os retirantes. O literato os representou como famintos, andrajosos, doentes, esqueléticos, esfarrapados, sujos, desesperados, pedintes, fervorosos cristãos suplicantes da ajuda dos seus santos, fazedores de promessas, para ele, homens já mortos no mundo dos vivos, atendidos através de uma política federal que considerava assistencialista e paternalista. Retirantes que para sobreviverem tinham que recorrer às práticas que aviltavam a sua condição humana.

[...] Campeava a prostituição e eram as próprias mães, quem muitas vezes, entregavam as filhas, comprando, por esse ato, favores que lhes seriam negados de outra forma. Houve quem enriquecesse comprando jóias aos retirantes por um terço do valor real, pagando-as, ainda, em mercadorias estragadas. Mais. Extorquiam aos pedintes válidos o dia de trabalho, quase de sol a sol, por uma minguada meia-pataca.¹⁷

No final do século XIX, Teresina recebeu um grande contingente de migrantes vindos, sobretudo, do interior do Estado em busca de melhores condições de sobrevivência. Tal fato trouxe indignação às autoridades constituídas e aos intelectuais locais. Em seus discursos, estava presente a preocupação com a ordem e a salubridade da Capital. Para Mafalda Araújo, os intelectuais estavam preocupados com os prejuízos que os flagelados poderiam trazer para uma cidade que pretendiam imersa nos ideais de progresso e civilização, fazia-se necessário desenvolver não só as noções de higiene pública e privada, mas, através de leis, criar uma cidade limpa, sadia e higiênica. A pesquisadora mostra como essa elite intelectual, através de vários artigos publicados nos jornais de Teresina, usou a temática dos costumes e da seca como instrumento pedagógico, cuja função era esclarecer a população para a necessidade de “civilizar-se”.

O sentimento de medo e de pavor fazia-se presente nos habitantes dessa cidade. O espanto, a surpresa e a preocupação eram sentidos pela elite teresinense. Ao ver massas de indigentes nordestinos e com eles a miséria, a extrema pobreza com suas carências pelas

ruas de Teresina, a elite se intranqüilizava. Esta paisagem urbana conferia à cidade uma imagem de crise. Figuras indigentes, pobres, entrelaçavam-se no meio do viver coletivo.¹⁸

Podemos pensar que Abdias Neves, enquanto romancista, construiu imagens que possibilitaram a compreensão do universo espacial e temporal da cidade de Teresina. Mesclou elementos visíveis e invisíveis, materiais e imateriais. Construiu a idéia de uma cidade que coadunava elementos de atraso e de modernidade nos diversos campos: educação, trabalho, lazer, saúde, habitação; uma cidade que amava e queria ver transformada, imersa nos ícones de modernidade, de desenvolvimento, de inovações, vencendo o “atraso histórico”. Uma cidade como centro irradiador de conhecimentos, de acumulação de saberes, como espaço do novo, do moderno, que venceria o tradicional. Abdias Neves, que se classificava como moderno, se viu diante de uma cidade que desejava transformar. Foi um homem que tentou interpretar a cidade, penetrar em seus mores e desafiar a tirania do tradicional.

NOTAS:

* Doutoranda em História Social do Trabalho na Unicamp e Professora do Departamento de História da UFPI

¹ Abdias Neves (1876-1928) nasceu e morreu em Teresina. Formou-se Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife em 1898. Foi Juiz Federal, Senador da República, escritor, jornalista e professor de Inglês, Alemão e Lógica no Liceu Piauiense; foi professor de Pedagogia na Escola Normal Oficial, dentre muitas outras atividades públicas. Participou ativamente das polêmicas anticlericais no Piauí no início do século XX.

² NEVES, Abdias. *Um Manicaca*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985, p. 104.

³ QUEIROZ, Eça de. *O crime do padre Amaro*. São Paulo: Ática, 1982.

⁴ NEVES, Abdias, 1985, p. 105-106.

⁵ *Ibid*, p. 69-70.

⁶ BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre História e Ficção. In: *Gêneros de Fronteira*. Cruzamentos entre o Histórico e o Literário. São Paulo: Xamã, 1997, p. 107-115.

⁷ BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre História e Ficção. In: *Gêneros de Fronteira*. Cruzamentos entre o Histórico e o Literário. São Paulo: Xamã, 1997, p. 107-115.

⁸ Somente em 1882, a iluminação pública foi ampliada para 80 lâmpadas.

⁹ Hoje, Praça Marechal Deodoro da Fonseca, popularmente conhecida como Praça da Bandeira, lugar no qual funcionou o centro administrativo e religioso de Teresina.

¹⁰ ARAÚJO, Mafalda Balduino. Imagens de Teresina no início do século XIX. In: _____. *Cotidiano e Imaginário: um olhar historiográfico*. Teresina: EDUFPI/IDB, 1997, p. 46.

¹¹ Somente as ruas Grande e Bela, hoje, Álvaro Mendes e Senador Teodoro Pacheco, respectivamente, eram iluminadas por candeeiros das sete às nove horas da noite.

¹² NEVES, Abdias, 1985, p. 23.

¹³ *Ibid*, p. 24.

¹⁴ *Ibid*, p. 57.

¹⁵ Adjetivo usado para desqualificar os maçons.

¹⁶ *O Apóstolo*. Teresina, ano V, n. 215, 30 jul 1911, p. 3.

¹⁷ NEVES, Abdias, 1985, p. 31.

¹⁸ ARAÚJO, Mafalda, 1997, p. 51.